

**Recriar o universo e fazer verso: um ensaio sobre as escritas de si de dois
pacientes psiquiátricos**

Viviane Trindade Borgesⁱ - PPG-UFRGS

Este ensaio é uma reflexão inicial a respeito das escritas autobiográficas, ou “escritas de si”, primeiramente pensado a partir dos poemas de um paciente, internado de 1969 a 1973 no HPSPⁱⁱ e de 1974 a 1975 no Centro Agrícola Reabilitaçãoⁱⁱⁱ, localizado no município de Viamão, próximo a Porto Alegre. Contudo, o trabalho acabou trilhando caminhos diversos passando a envolver também a trajetória de um outro internado que viveu 50 anos (de 1939 a 1989) na Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro, deixando seu legado através da arte.

Vou apresentar o primeiro personagem ao leitor como Alceu, um nome fictício, esclarecendo que as instituições psiquiátricas não permitem que os nomes verdadeiros de seus internados sejam revelados. Porém, o segundo protagonista desta história que pretendo aprofundar tornou-se um artista consagrado após sua morte em 1989. Algumas de suas obras, inclusive, foram selecionadas em 1995 para representar o Brasil na Bienal em Veneza, refiro-me a Arthur Bispo do Rosário.

Na atualidade, os dois personagens igualados pela psiquiatria como esquizofrênicos paranóides, assumem posições bem distintas. Bispo, hoje reconhecido internacionalmente como artista plástico, tem suas obras tombadas pelo Instituto Estadual do Patrimônio Artístico e Cultural, guardadas em um Museu, localizado no prédio da administração da Colônia Juliano Moreira, o qual leva seu nome. Alceu, contudo, permaneceu no anonimato, deixando sua arte escrita em forma de versos junto ao emaranhado de documentos institucionais do HCI^{iv}. Assim, pretendo analisar as vidas de um homem infame, segundo Foucault^v, “não tanto por infamado, do que por sem fama nem glória”, e de outro consagrado, portanto famoso, ainda que somente após sua morte.

Gostaria de salientar que este ensaio apresenta apenas algumas idéias iniciais sobre uma pesquisa que pretendo desenvolver. Assim, primeiramente, busco situar o leitor a respeito do trabalho que estou realizando no Mestrado em História e como encontrei os vestígios deixados por Alceu e por Bispo. Por fim, caracterizo brevemente o ambiente em que os mesmos viveram e suas obras, levantando ainda algumas inquietações suscitadas na tentativa de dar forma ao projeto de pesquisa e as dificuldades de se trabalhar historicamente com estes espaços tão singulares, ou seja, as instituições psiquiátricas, e seus silenciosos (ou talvez, silenciados) moradores.

O trabalho que estou desenvolvendo no Mestrado trata das relações sociais de controle e resistência presentes no cotidiano do CAR, fundado em 1972, o qual abrigava pacientes provenientes do HPSP. O Centro foi a terceira colônia agrícola para doentes mentais fundada no Rio Grande do Sul, e, assim como as anteriores, possuía o objetivo de reduzir o número de internações no São Pedro. O CAR pretendia ainda promover a gradual reintegração de alguns pacientes do sexo masculino e de origem rural ao convívio social, possibilitando que estes voltassem a suas comunidades de origem. O Projeto procurou se diferenciar das colônias agrícolas anteriores^{vi}, entre outras razões, por privilegiar aspectos culturais dos pacientes, como o trabalho ligado a atividades agrícolas e as rodas de chimarrão.

Este estudo acaba lançando luz nas zonas sombrias do cotidiano do CAR possibilitando algumas reflexões iniciais a respeito da trajetória de Alceu. Afinal, “não podemos compreender uma trajetória”, segundo Bourdieu^{vii}, “sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou”. Assim, conhecer o “politeísmo de práticas disseminadas”^{viii} no dia-a-dia do Centro é fundamental para compreender a construção autobiográfica do poeta a que este ensaio se refere.

Neste mesmo sentido, para compreender o universo de Bispo torna-se necessário conhecer um pouco da Colônia Juliano Moreira. Inaugurada em 1924, a construção de tal espaço objetivava resolver o problema da superlotação dos nosocômios do Rio de Janeiro^{ix}. Assim como o CAR, a Colônia carioca propunha o retorno dos pacientes ao convívio social através da laborterapia, ou seja, da ressocialização através do trabalho.

Em minha pesquisa de Mestrado, na tentativa de desvendar o cotidiano do CAR, tenho como uma das fontes principais os denominados Livros de Ocorrência. Na ausência da equipe médica, os atendentes^x eram responsáveis por anotar no Livro tudo o que ocorresse dentro da instituição. A punição para qualquer tipo de comportamento que se mostrasse contrário às normas era o retorno para o HPSP.

Foi justamente durante a pesquisa nestes livros de ocorrência - da mesma forma que Ginzbug^{xi}, ao folhear volumes manuscritos do Tribunal da Inquisição, deparou-se com o caso de Menocchio - deparei-me com uma série de versos, todos assinados pela mesma pessoa. Na tentativa de descobrir o autor, pensei que seria pouco provável que pertencessem a um atendente ou a um médico, então solicitei o prontuário através do nome que assinava as obras confirmando a suspeita de que se tratava mesmo de um paciente. Nos prontuários tanto do HPSP quanto do CAR, me surpreendi com a existência de seis cartas: uma é de seu pai e as outras são escritas por Alceu endereçadas à família, aos médicos, a amigos e à Prefeitura de Soledade, cidade onde nasceu.

Os internados eram estimulados a escrever nos livros de ocorrência, porém, durante o período estudado, isso raramente aconteceu. Alceu contraria esta perspectiva: em seus dois anos de internamento no CAR escrevia cerca de dois “versinhos” por dia, conforme um deles: “assim eu faço versos. É esse o meu remédio” (12/12/73).

Meu encontro com Bispo também foi por acaso. Em setembro do ano passado, ao participar do II Simpósio Nacional de História Cultural, no Rio de Janeiro, estava em uma livraria remexendo uma série de livros em oferta, quando acabei derrubando alguns no

chão, entre eles estava “O universo segundo Arthur Bispo do Rosário” da artista plástica Patrícia Burrowes^{xii}. Comprei o livro, e desde então passei a pensar em trabalhar com o cruzamento das trajetórias dos dois personagens. Essa idéia tomou forma principalmente após visitar a Colônia Juliano Moreira e o Museu Arthur Bispo do Rosário, no início deste ano, tendo um contato maior com a obra do artista, que é sem dúvida a principal fonte para tentar compreender sua trajetória. Além disso, outras fontes foram levantadas, como o seu prontuário, reportagens de jornais, catálogos de exposições, documentários, além de trabalhos de diferentes áreas sobre a obra e a vida do artista.

Assim, as principais fontes para compreender sua trajetória são as “escritas de si” deste singular personagem, ou seja, sua arte. Bispo utilizava o material disponível na Colônia para recriar o universo que deveria ser mostrado a Deus no dia do juízo final. O que mais chamou minha atenção em sua obra foi a escrita. O paciente desfiava o uniforme do manicômio para bordar, muitas vezes, fragmentos de sua vida, ou apenas palavras as quais afirmava precisar, conforme pode ser lido no encarte do CD da banda “Paralamas do Sucesso” de 1994, chamado “Severino”, cuja capa é um dos estandartes de Bispo: “Eu preciso dessas palavras escrita”.

Os versinhos de Alceu também não são apenas relatos sem pretensão, mas sim “um minucioso trabalho de enquadramento da memória para imprimir determinada versão acerca da sua própria vida”^{xiii}. A escrita e a arte são formas de construção de si. Através de versos, cartas e bordados, o artista-plástico e o poeta parecem buscar dar um sentido e uma inteligibilidade à sua narrativa de vida.

A construção de suas escritas de si revela, muitas vezes, um tom de denúncia em relação à psiquiatria. No caso de Alceu, em alguns momentos, torna-se também um pedido de socorro para provar sua sanidade. No entanto, a realidade que Alceu e Bispo procuraram traçar não pode ser encarada obviamente, como o relato factual do que verdadeiramente ocorreu. Segundo Ângela de Castro Gomes^{xiv} “a sinceridade expressa

na narrativa, que pretende traduzir como que uma essência do sujeito que escreve, obscureceria a fragmentação, a incoerência e a incompletude do indivíduo moderno”. Concordo com Andréia Delgado^{xv} quando esta afirma que o critério verdade-mentira não pode ser aplicado às escritas de si na medida em que “a vida é inventada nas narrativas de si, que o real só é apreendido configurado na linguagem e que a vida, escrita pelo desejo, é sempre ficção”.

Refiro-me a estes rastros deixados por Alceu e Bispo como escritas de si, no sentido dado por Ângela de Castro Gomes^{xvi}, considerando que este gênero de escrita abarca “diários, correspondências, biografias e autobiografias, independentemente de serem memórias ou entrevistas de história de vida”. Nesta perspectiva, o indivíduo que registra sua vida, segundo a autora, não é mais apenas o “grande” homem, o “herói, a quem se autorizava deixar sua memória pela excepcionalidade de seus feitos”. Isto se modificou na medida em que a sociedade moderna passou a reconhecer o valor de cada indivíduo, disponibilizando o que era necessário para o registro de sua identidade, como a possibilidade de ler, escrever, fotografar, abrindo caminho para que o homem comum, segundo Gomes, “cuja vida é composta por acontecimentos cotidianos, mas não menos fundamentais a partir da ótica da produção de si”, pudesse registrar suas memórias. Contudo, precisa ser pensado se esse caminho também está aberto aos pacientes psiquiátricos, até que ponto lhes foi permitido o registro de suas memórias?

Tanto os poemas e as cartas de Alceu, quanto as obras de Bispo, permitem ao historiador um breve olhar através da fronteira imprecisa que determina o que é “normal” e o que é “patológico”. Descortinam as concepções psiquiátricas, a vida asilar, permitindo que os “loucos”, silenciados pelo internamento, possam contar a sua história, revelando o imaginário a respeito da loucura a partir do confinamento. Porém, talvez o mais importante nestas narrativas, segundo Wadi, seja o fato de serem construídas por esses

“estranhos personagens – chamados ‘loucos’ – que raramente puderam dizer de si mesmos e foram ouvidos”^{xvii}.

A respeito das dificuldades de se trabalhar com as escritas de si, de indivíduos que foram durante tanto tempo silenciados, o caminho é cheio de ambigüidades e barreiras a serem transpostas. As instituições não permitem que seus nomes verdadeiros sejam revelados, contudo Bispo tornou-se conhecido internacionalmente. Neste sentido, não é antiético revelar o nome daquele internado que representou o Brasil na Bienal, apenas o paciente desconhecido que deixou uma série de poemas precisa de um nome fictício. Outra questão a ser levantada, neste sentido, é o que determina o ocultamento de um e a projeção de outro?

Algumas inquietações percorrem a construção do projeto de pesquisa ainda inconcluso, como a idéia de não aprisionar os personagens sob a determinação da loucura. Ambos foram tachados de esquizofrênicos paranóides, contudo a expressão artística não é considerada uma característica desta patologia. Segundo Silva^{xviii}, “é equivocado pensar que a esquizofrenia é a ante-sala da criação”. Assim não pretendo analisar suas obras como conseqüências da doença e sim como uma resposta ao confinamento, na tentativa de reconstrução da identidade.

A própria idéia das criações de Bispo serem consideradas obras de arte é uma construção externa a ele visto que o paciente não pensava que aquilo que fazia era arte. Bispo estava recriando o universo, essa era a sua missão. Alceu não fazia versos para embelezar os Livros de Ocorrência, eles eram o remédio que o curaria, além de ser sua profissão, ser poeta. Assim, ambos só podem falar de si através de um personagem, seja o responsável pela recriação do universo seja o poeta que tomava remédio de versos. Bispo e Alceu reinventaram a si próprios através das artes visuais e da poesia.

Neste sentido, o fio condutor dessa pesquisa que pretendo desenvolver está centrado na maneira como tais personagens reconstroem suas identidades diante da

situação de confinamento. Ao mesmo tempo em que traçam uma narrativa autobiográfica através das artes plásticas e da poesia, acabam reinventando uma nova identidade, uma nova realidade para si. Assim como Pollak^{xix} ao tomar a experiência concentracional como reveladora de uma identidade, penso que a situação de internamento compulsório também atua neste mesmo sentido. Refiro-me aqui à idéia de situações limites proposta pelo autor, ou seja, experiências limitadas em suas possibilidades, fazeres e decisões. Segundo Pollak^{xx}, tais experiências, por serem consideradas extremas, são reveladoras da “identidade como imagem de si, para si e para os outros”.

Assim, acredito ser pertinente abrir as portas dos manicômios e deixar seus estranhos moradores, que penso não serem silenciosos e sim terem sido silenciados pela sociedade, narrarem suas percepções a respeito de suas vidas. Sob esta perspectiva, a história das instituições que abrigam a loucura não será mais baseada apenas nas fontes tidas como “oficiais”, também essenciais para a construção deste trabalho, mas que revelam apenas a visão da equipe médica. Mesmo que buscando enxergar os internados nas entrelinhas destas fontes, encontrar vestígios que revelem mais diretamente suas percepções de si abre novas possibilidades e também novos problemas aos pesquisadores.

ⁱ Viviane Trindade Borges. Mestranda em História na UFRGS, sob a orientação do Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt.

ⁱⁱ Hospital Psiquiátrico São Pedro.

ⁱⁱⁱ Centro Agrícola de Reabilitação.

^{iv} Hospital Colônia Itapuã, local onde se localizava o CAR.

^v FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Portugal: Passagens, 1992, p.8.

^{vi} Houve duas colônias agrícolas anteriores ao CAR no Rio Grande do Sul: a primeira, fundada em 1917, denominava-se Colônia Jacuhy; a segunda, cujo nome não é revelado nas fontes consultadas até o momento, foi fundada em 1949. In: Mensagem enviada a Antonio Augusto Borges de Medeiros. 20 de setembro de 1918; e GODOY, Jacinto. *História da Psiquiatria no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Edição do Autor, 1955.

^{vii} BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, J. e FERREIRA, M. de M. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 2002, p.190.

^{viii} CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. São Paulo: Vozes, 1994.

^{ix} AMARANTE, Paulo (org.) *Loucos pela vida: a trajetória da Reforma Psiquiátrica no Brasil*. Rio de Janeiro: SDE/ENSP, 1955.

^x Os atendentes eram funcionários que residiam próximos ao HCI, os quais não possuíam formação médica, sendo que o principal requisito era que tivessem experiência com o trabalho rural. Eram eles que tinham mais contato com os pacientes.

^{xi} GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das letras, 2002, p.11.

^{xii} BURROWES, Patrícia. *O universo segundo Arthur Bispo do Rosário*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

^{xiii} DELGADO, Andréia. A autobiografia e a invenção de si. In: _____. *A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*. Campinas: UNICAMP, 2003 (tese de doutorado em História), p.2.

^{xiv} GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: ____ (org). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p.15.

^{xv} DELGADO, Andréia. A autobiografia e a invenção de si. In: _____. *A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*. Campinas: UNICAMP, 2003 (tese de doutorado em História), p.25.

^{xvi} GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: ____ (org). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p.7.

^{xvii} WADI, Yonissa Marmitt. *Louca pela vida: A história de Pierina*. 342 p. Tese de Doutorado em História Social, Programa de Estudos Pós Graduados em História, PUC/SP, São Paulo. 2002, p.3.

^{xviii} SILVA, Jorge Anthonio e. *Arthur Bispo do Rosário – Arte e loucura*. São Paulo: Quaisquer, 2003, p.28.

^{xix} POLLAK, Michel. *L'expérience concentrationnaire*. Paris: Métailié, 2000, p.10.

^{xx} Ibid.